

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Agatha Rabelini da Silva Vianna

PARCERIA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA:

configurações na prática docente

Porto Alegre

2. semestre

2014

Agatha Rabelini da Silva Vianna

PARCERIA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA:
configurações na prática docente

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia –Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Darli Collares

Porto Alegre

2. semestre

2014

Dedico este trabalho a todas as pessoas que me amam, que me permitem chorar e me fazem sorrir, em especial a:

Minha mãe, Maria Jandira, grande mulher, que me orientou e inspirou durante toda vida.

Meus irmãos, Carla e Eduardo, por todo apoio contínuo e incondicional.

Meu esposo, Alexandre Trindade Vianna, pelo incentivo e auxílio a todo o momento.

Crianças da família, Bibiana Manuela, Maria Eduarda, Giovanna Victória, Lavigne, Guilherme e Alexander, por todas as vezes que colaboraram para meus trabalhos acadêmicos.

Demais parentes que torceram e vibraram comigo a cada passo e com seu carinho me incentivaram a continuar. Em especial: Amauri, Vera Lúcia, Patricia, Gabriela, Cristiane, Marino, Julio Cesar, Stéfanie, Gabriel, Miguel, Leandra, Elisa, Rosmari, Gabriel, Rosalina, João Carlos, Dona Irma e Pablo.

Meus sogros Rosangela, Gelson e Luiz Roberto, que nunca pouparam esforços.

Meus grandes amigos Marla, Raquel, Michele, Karina, Keuri, Bamboocha, Fernando, Marcos, entre outros, que fazem a minha vida mais prazerosa, mais descontraída, mais feliz. Por todos os momentos em que pude extravasar.

AGRADEÇO:

... A Deus em primeiro lugar, pois Ele é infinitamente bom e tem o tempo certo para todas as coisas.

... A minha orientadora, querida professora doutora Darli Collares que me guiou durante o desenvolvimento deste trabalho.

... A grande Professora Doutora Luciana Picolli que com seu carinho e dedicação me auxiliou na escolha do tema.

... Aos demais professores do curso que passaram pela minha vida acadêmica, pois foram de grande importância para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, principalmente à Professora Doutora Maria Bernadette Castro Rodrigues que me fez refletir sobre a professora que eu quero ser.

... À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e à União pela oportunidade de estudar gratuitamente que me foi concedida.

... Às escolas que abriram suas portas para que eu pudesse analisar as configurações das relações entre família e escola na prática docente, principalmente aos professores entrevistados que se dispuseram a participar.

... Aos professores Tiago Temístocles e Marilene Cabral por terem me concedido a oportunidade de aprender observando e por todos os ensinamentos durante práticas e estágio.

... Às diretoras Nina e Evalcir pelo carinho e apoio.

... Ao meu filho Alexander Rabelini Vianna, que através da sua existência, me auxiliou a perceber as relações entre mim e a instituição em que estudava.

... Por fim, à Escola de Educação Infantil Príncipe da Paz que realiza um trabalho de excelência com relação a parceria entre pais, professores e escola, permitindo acesso contínuo e contato permanente.

Enquanto a educação para a cidadania for tratada como filha da educação moral ou simplesmente como uma disciplina entre outras [...] não se estará atingindo o alvo. As pessoas começam a se dar conta disso, e hoje muitas vezes se erguem para que se torne um problema de todos os educadores, pais e professores.

PERRENOUD

RESUMO

Esta investigação de conclusão de curso constituiu-se em uma pesquisa sobre a parceria entre família e escola. Contou com a participação de dez professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de duas escolas da rede estadual situadas na zona norte de Porto Alegre. Tem como objetivo analisar a dita relevância da parceria entre a família e a escola e como tem se configurado na prática docente. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso de cunho etnográfico, realizada por meio de três formas de produção de dados: observação, análise documental e entrevistas. Os conceitos base abordados são: o aluno como ser integral que aprende pela interpretação das interações nos diferentes meios em que vive; a parceria entre a família e a escola e sua dita relevância; família e suas diferentes estruturas. Estes conceitos estão embasados em autores dentre os quais se destacam: Fernando Becker, Álvaro Marchesi e Elisângela Rodrigues Garcia. Nas análises, percebeu-se que os professores costumam considerar de grande relevância a relação entre a família e a escola. Constatou-se, ainda, que esta parceria se configura de diversas maneiras, sendo que todas elas buscam atrair a presença das famílias ao contexto escolar. A pesquisa pode indicar que a parceria entre família e escola é de extrema relevância para o bom desenvolvimento das aulas e das aprendizagens dos sujeitos envolvidos nas relações.

Palavras chave: Parceria família-escola; Relação com os pais; Aprendizagem em casa.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	7
1	VIVÊNCIAS DE PARCERIAS	8
1.1	O CURSO DE MAGISTÉRIO E A RELAÇÃO COM OS PAIS.....	8
1.2	RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA, O OUTRO LADO DA MOEDA.....	9
1.3	A PEDAGOGIA E AS EXPERIÊNCIAS DE DOCÊNCIA.....	11
2	ANCORAGEM TEÓRICA	14
2.1	O ALUNO E SUAS APRENDIZAGENS.....	14
2.2	UM POUCO DA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NO BRASIL.....	14
2.3	O AMBIENTE DE APRENDIZAGEM EM CASA E A ESTRUTURA FAMILIAR.....	16
3	CAMINHOS METODOLÓGICOS	18
3.1	DO TIPO DE PESQUISA.....	18
3.2	DOS MODOS DE PRODUÇÃO DE DADOS.....	19
3.2.1	DA ANÁLISE DOCUMENTAL.....	19
3.2.2	DAS OBSERVAÇÕES.....	20
3.2.3	DAS ENTREVISTAS.....	21
4	SOBRE O QUE AS ENTREVISTAS REVELARAM	23
4.1	COMO A PARCERIA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA PODE SER PROMOVIDA.....	23
4.2	QUAIS AÇÕES TÊM SIDO REALIZADAS NO INTUITO DE PROMOVER UMA RELAÇÃO DE CONFIANÇA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA.....	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	30
	APÊNDICE 1	33
	APÊNDICE 2	34
	ANEXO 1	35

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema a parceria, a relação que se dá, entre a família dos alunos e suas respectivas escolas, visando a compreender suas configurações e reflexos na prática docente. Objetiva analisar como tem ocorrido a aproximação entre a família e a escola, mostrando o que se tem realizado no sentido de criar uma parceria entre estas duas instâncias.

Acredito ser relevante iniciar pelas minhas experiências de observações, práticas pedagógicas e vivências familiares para que o leitor compreenda como cheguei a este tema.

Trago, portanto, no primeiro capítulo algumas reflexões sobre memórias da minha trajetória como professora aprendiz, tanto do curso de magistério, como em vivências mais particulares e familiares me colocando na posição de família e ainda como professora estagiária, mais uma vez, no curso de Pedagogia.

No capítulo seguinte exponho autores e conceitos que me ajudaram a compor este estudo. Compreendendo o aluno como um ser integral que aprende em diferentes contextos nas relações com o meio no qual está inserido e com as pessoas com as quais interage, trago para reflexão o contexto histórico e social em que estamos inseridos com o intuito de pensarmos como têm ocorrido essas relações de parceria ao longo do tempo.

A forma como esta pesquisa foi se constituindo está descrita no capítulo 3, intitulado de "caminhos metodológicos", no qual descrevo os passos desta pesquisa, o tipo de metodologia utilizada e os modos de produção de dados pertinentes para o estudo.

Em seguida, mostro aspectos relevantes das relações família e escola que estão sendo propostas por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Analisando as sugestões para que esta parceria possa ocorrer de maneira eficaz e atinja o objetivo, que são as aprendizagens dos alunos.

Encerro este trabalho considerando que a parceria entre a família e a escola deve ocorrer através de uma relação de confiança onde cada instância, fazendo a sua parte e reconhecendo a importância da outra parte envolvida, coopera para o desenvolvimento integral do aluno.

1. VIVÊNCIAS DE PARCERIAS

De minhas experiências como aluna aprendiz em diferentes contextos surgiram: os questionamentos levantados nesta pesquisa e os motivos que me levaram a tentar entender melhor como têm ocorrido as parcerias entre as famílias e a escola.

Com o intuito de auxiliar o leitor a compreender o processo que deu origem a este trabalho, começo relatando as vivências durante o curso de magistério, algumas das minhas experiências como tia e mãe e, por fim, trago o estágio e práticas pedagógicas do próprio curso de pedagogia.

1.1 O CURSO DE MAGISTÉRIO E A RELAÇÃO COM OS PAIS

Antes de iniciar o curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cursei três semestres do Normal-AE¹, assim chamado o curso de magistério realizado após o ensino médio como aproveitamento de estudos.

Durante este curso realizei observações e práticas pedagógicas que se caracterizavam por observar o desenvolvimento das aulas em duas turmas: uma de educação infantil e uma das séries iniciais do Ensino Fundamental, assim denominadas na época. As práticas eram realizadas nas mesmas turmas observadas semanas depois das observações, o que nos permitia fazer o planejamento referente a uma semana de aulas.

A observação é um elemento indissociável da reflexão, deixando a professora mais atenta. O acompanhamento subsidiará o conhecimento e o planejamento para a organização do espaço e do tempo (RODRIGUES, 2004, p.41).

Para finalização deste curso fizemos o estágio que compreendia duas semanas de observação consecutivas e o restante do semestre de aulas ministradas por nós, estagiárias. Não concluí o estágio por diversos motivos que não cabem ser mencionados aqui, mas analiso essas experiências, pois me constituem como sujeito aprendiz nesse curso e que revisei na memória para iniciar este trabalho.

Percebi que, durante as observações e práticas, os pais não sabiam quem éramos (aqui trato no plural, pois trabalhávamos em duplas). Não falavam conosco, a não

¹AE – Aproveitamento de Estudo, curso de magistério não realizado em conjunto com ensino médio, mas posterior a este.

ser para contatar a titular. Durante o estágio, foram poucos os pais que conversaram comigo. Os que vinham até a porta para falar tinham algum recado de suma importância como administração de remédio ou algum conflito mal resolvido que o aluno comentava em casa.

Quando surgia algum tema que eu, como professora estagiária, precisava contatar os pais, mandava bilhetes. No entanto, muitos não eram lidos pelos pais. Havia um aluno na minha turma que tinha graves problemas de comportamento e baixo rendimento escolar. Infelizmente, quando eu solicitava, utilizando-me do caderno, que a mãe fosse até a escola conversar conosco, não havia resposta. No entanto, quando este chamado ocorria através do Serviço de Orientação Escolar (SOE), o mesmo era atendido. A escola, em função disso, convocou-a para comparecer na escola, mas só a orientadora e a professora titular conversaram com a mãe do aluno, a qual alegou que se nem ela conseguia lidar com ele, não seríamos nós que daríamos limites a ele.

Senti falta do contato mais direto com os pais, tanto neste momento de estágio quanto durante as práticas, pois, em qualquer situação de ensino-aprendizagem, é relevante conhecer o contexto do aluno. Segundo Rudolfo:

Atualmente, já não pensamos que analisar uma criança seja reunir-se com ela, conhecer suas fantasias, tratar de captar seu inconsciente e ponto final. Não por que isso não importe, mas por que fica incompleto se não acrescentarmos onde está implantada, onde vive, o mito que respira e o quê que significa, nesse lugar, ser mãe e pai. (RUDOLFO, 1990, p.32)

1.2 RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA, O OUTRO LADO DA MOEDA

Trago aqui, também, relatos familiares, utilizando-me do caso de duas crianças da família, num período no qual era estudante de magistério, ainda não tinha filho, não trabalhava, estando, então, na posição mais favorável de contato com as instituições de estudo dessas crianças.

Comparo aqui o desenvolvimento cognitivo das duas, não com a intenção de avaliar o desenvolvimento delas, mas analisando a parceria proposta pela instituição onde ambas estudaram. A mais velha, hoje com 15 anos, teve muita dificuldade nos estudos. A família foi chamada, muitas vezes, para conversar sobre o rendimento dela, porém pouco se falava sobre o desenvolvimento cognitivo e sua aprendizagem.

O teor da conversa concentrava-se no comportamento, inadequado, na visão da escola.

A mais nova, ao contrário, só tirava notas boas, e a família foi chamada na escola menos vezes. Quando contatada, era para que os professores pudessem fazer queixas do comportamento da mesma.

A escola promovia festas e eventos de integração da comunidade escolar, sempre com o intuito de arrecadar fundos e com poucas informações a respeito do seu funcionamento.

Todo início de ano, sempre depois do início das aulas, as famílias eram chamadas para uma reunião onde eram apresentados os professores e as regras da instituição, com poucas informações relevantes sobre conteúdos e avaliações, mesmo que se perguntasse sobre esses temas.

Os períodos de entrega de avaliações eram também motivo para convocar a presença dos familiares, quando se entregavam as notas e se descreviam comportamentos inadequados das crianças. Sempre que eu ia pegar as avaliações dessas crianças, perguntava sobre os conteúdos que precisavam de reforço em casa. Também nesses momentos o foco da conversa esteve no comportamento e pouco se falou dos conteúdos a serem aprofundados.

Muitas das vezes, dizia-se que eram as conversas que atrapalhavam a concentração tanto dos colegas como das meninas que suscitavam-nas. Sobre este aspecto, Marchesi (2006) ressalta a necessidade de que os educadores sejam capazes de conhecer o motivo dos problemas de aprendizagem e descobrir qual a melhor estratégia educativa para dar conta dessas dificuldades, e conhecer o aluno para saber estimular o seu interesse para que, assim, consiga manter sua atenção.

Fico analisando esses fatos relatados e me pergunto *que parcerias estão sendo propostas pelas escolas, e se todos os professores agem da mesma forma.*

Retomando os exemplos retirados da experiência familiar, destaco a escola na qual meu filho, atualmente com 5 anos, esteve matriculado até há pouco tempo. Essa escola pedia para que os pais preenchessem uma ficha, solicitando muitos tipos de informação, desde a alimentação até as informações sobre a saúde, passando também por informações sobre o desenvolvimento cognitivo. Além disto, era realizada uma entrevista com os pais onde eram feitas perguntas mais pessoais após

a leitura da ficha pelo professor. Nesta entrevista, deviam estar presentes os pais da criança, preferencialmente o casal, o professor titular e a diretora.

O parecer descritivo, fornecido nas reuniões de entrega de avaliação, continha poucas informações sobre comportamentos e muitas sobre o desenvolvimento cognitivo em diferentes áreas do conhecimento. O contato com os pais era contínuo, por agenda e por meio de e-mails. Todo início de mês era encaminhado, via e-mail, para os pais, o cardápio do refeitório, e, toda semana, os planejamentos nos quais era possível acompanhar os objetivos do trabalho e as atividades que seriam desenvolvidas para que fossem atendidos.

Quando era necessário falar sobre o comportamento das crianças, os pais eram chamados, via agenda, a comparecer no dia e horário que atendessem a disponibilidade dos pais. O acesso às salas era livre em qualquer horário do turno.

As reuniões coletivas sempre traziam um tema de interesse dos pais com relação às faixas etárias e desenvolvimento psicomotor das crianças. Também eram realizadas festas com intuito de arrecadação, mas sempre com um tema gerador de aprendizagens.

1.3 A PEDAGOGIA E AS EXPERIÊNCIAS DE DOCÊNCIA

Durante o curso de Pedagogia, foram propostas observações, práticas e estágio com pequenas diferenças do curso Normal. Durante as minipráticas, assim chamadas a semana de observação e a semana de aulas dirigidas, também não houve contato direto com os pais. Apesar de enviarmos bilhetes para casa por meio dos cadernos, informando sobre a nossa presença na escola, não notei interesse dos pais em saber como estávamos realizando o nosso trabalho.

Já no estágio, o contato com os pais se fez realmente significativo e relevante. Na segunda semana de estágio houve a reunião de pais, da qual eu pude participar como ouvinte. A professora titular colocou as regras e sua metodologia, falando superficialmente como trabalhava e como avaliava os alunos. Ela procurou deixar claro que os pais deveriam deixar e buscar os alunos em uma área distante da porta da sala e isolada desta por uma grade, para que os alunos não se agitassem antes do término da aula.

Os pais, desde esta reunião, se mostraram interessados em saber como estavam seus filhos com relação às aprendizagens e aos comportamentos, mas poucas informações pessoais foram passadas, pois as crianças estavam presentes e não seria conveniente fazer comentários mais específicos de cada um para o grupo de pais que estavam presentes.

Apesar da solicitação da titular de que os pais não se aproximassem da sala, eu gostava quando os pais vinham até a porta, quando podíamos conversar e eu conseguia entender um pouco mais da realidade dos alunos, cuidando, no entanto, para preservar a privacidade do assunto e a organização dentro de sala.

Foram poucos os pais que eu não conheci pessoalmente. Procurei fazer elogios via caderno e alguns pais responderam a estes com palavras de gratidão, o que me auxiliou em diversos momentos. Também houve contato para contar das dificuldades, no intuito de informar os conteúdos que precisavam ser reforçados em casa, ao que alguns familiares encaminharam respostas nas quais se eximiam da responsabilidade de fazê-lo, mas pude, por meio de outros contatos, explicar os motivos dos bilhetes e a necessidade de apoio da família para o desenvolvimento do aluno.

Depois que o estágio acabou, ainda estive na escola mais uma vez, no dia da entrega de avaliações, quando o atendimento foi bem individual, pois notei uma necessidade dos pais em saber mais sobre o comportamento dos alunos, mas dei atenção prioritária aos avanços no desenvolvimento cognitivo das crianças, o que deixou os pais surpresos e interessados, ao meu ver.

Como tarefa de estágio, para a Disciplina EDU2068 - Seminário de Prática Docente - 6 a 10 anos, fazíamos um texto de, em média, uma página por semana, retomando os aspectos de evolução e os que ainda poderíamos melhorar, já pensando em como tornarmos o nosso planejamento mais completo de acordo com a necessidades dos alunos, pois "planejamento é processo constante através do qual a preparação, a realização e o acompanhamento se fundem, são indissociáveis" (RODRIGUES, 2000, p.62). Da última reflexão, em que foi feito um apanhado de todo o estágio (VIANNA, 2014, p.117), retiro o seguinte excerto:

Os pais foram bons aliados durante todo semestre, através de bilhetes e conversas criamos um bom relacionamento em favor do desenvolvimento das crianças.

(Diário de campo reflexivo, Reflexão semanal - 14ª semana)

Acredito que, durante minha trajetória, estive sempre com este questionamento presente: *como têm ocorrido as relações família e escola na prática docente?*

A seguir, trago alguns conceitos que contribuíram para dar base ao estudo sobre como vêm se constituindo as relações entre a família e a escola.

2. ANCORAGEM TEÓRICA

Neste capítulo são abordados conceitos relevantes para o desenvolvimento deste trabalho. Estão, portanto, descritas as concepções de aluno, de aprendizagem e de relação família/escola baseadas nos autores estudados.

2.1 O ALUNO E SUAS APRENDIZAGENS

Os menores são para nós, [...], alguém sobre o qual projetamos nossos ideais, que transformamos em objeto de nossos desejos e de nossas frustrações, de nossos julgamentos e preconceitos.

SACRISTÁN

Considero o aluno um ser humano integral, portanto, social, emocional e cognitivo. A criança que vem para a escola, mesmo no primeiro dia do primeiro ano escolar, já é uma pessoa dotada de personalidade e múltiplos conhecimentos que já foram "constituídos pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais" (BECKER, 2001, p.72).

Sendo assim, o aluno não é apenas o meu aprendiz, mas uma pessoa que aprende dentro e fora da escola e a todo o momento por suas experiências e interações e nas relações com os diversos meios que frequenta. Ele pode ser considerado como "uma síntese individual da interação desse sujeito com o seu meio social (cultural, político, econômico, etc.)." (BECKER, 2001, p.78).

A escola é um dos ambientes de aprendizagem deste aluno que interage em diferentes contextos, relacionando os conhecimentos, e um lugar onde o aluno e sua família depositam grandes expectativas.

O professor é um dos mediadores que auxilia o aluno na superação dos limites através de desafios propostos, mas, para que possa desenvolver atividades pedagógicas claras e objetivas, deve conhecer o aluno e o contexto social no qual está inserido.

2.2 A PARCERIA ENTRE A ESCOLA E A FAMÍLIA

A educação hoje não é mais responsabilidade apenas da família, pois se tornou condição essencial no processo de desenvolvimento técnico-científico.

RAMPAZZO

Até o século XIX o ensino ficava somente a cargo das famílias ou de pequenos grupos, e cada parte ensinava do seu jeito. Depois a escola assumiu o cargo de formalizar, ampliar, e sistematizar os conhecimentos e torná-los comuns a todos, portanto, revogando a legitimidade da educação por parte da família (POLATO, 2009).

A partir do início do século XX, inicia-se um processo de reaproximação entre as duas instâncias, mas o intuito não era o de promover uma escola democrática, e sim o de intensificar a educação dos pais (FARIA FILHO, 2000).

Em 1985, com a democratização dos Conselhos de Pais e Mestres (CPMs), os novos estatutos permitiram que pais e comunidades passassem a se perguntar qual seria sua verdadeira função na escola, se apenas de contribuidores financeiros ou se integrantes dos processos educativos e com isto se posicionarem como interessados na participação efetiva na vida escolar de seus filhos, tendo o dever de "trazer a comunidade para dentro da escola, não mais para discutir problemas econômicos da escola, mas os problemas educacionais, discutir o currículo escolar, o problema do livro didático" (KURYLENKO; TRIVIÑOS, 1988, p.44).

Segundo Juan Delval:

Devemos levar em consideração que as leis são apenas marcos que possibilitam determinadas práticas, mas as mudanças realmente importantes devem se operar nas atividades cotidianas dos centros educacionais, e não há lei que possa assegurar a ocorrência (DELVAL, 2006, p.22)

Sendo assim, (1) mesmo que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) diga que cabe aos alunos estudarem e aos pais garantirem que a frequência às aulas seja cumprida e (2) que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) deixe claro no artigo primeiro que a "educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar" (BRASIL, 1996, p. 15) e no artigo segundo que a educação é dever da família, e ainda, no artigo décimo segundo inciso sexto fique estipulado que os "estabelecimentos de ensino terão a incumbência de articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola". Se não partir da escola e das famílias o interesse, as parcerias continuarão só no papel.

Segundo o Dicionário Aurélio, a parceria é uma "relação de colaboração entre duas ou mais pessoas com vista à realização de um objetivo comum" (MARINA

BAIRD FERREIRA, 2000), é um arranjo em que duas ou mais partes estabelecem um acordo para atingir interesses em comum.

Cada uma das partes envolvidas arca com sua responsabilidade, a escola e a família em uma relação de confiança e cumplicidade com o intuito de auxiliar o aluno no seu desenvolvimento social, afetivo e cognitivo. Marchesi (2006, p.49) afirma que "a colaboração dos pais é básica, o que exige que as escolas e os professores prestem especial atenção a este tema". Portanto, é essencial que a ação da escola ocorra em conjunto com a reflexão, o acompanhamento e o reforço das famílias.

Os Conselhos Escolares foram criados com a intenção de promover os processos participativos nos quais os professores trabalham com os pais como parceiros e reconhecem-nos como educadores complementares, "buscando modos integrativos de acordo, participação e negociação." (WERLE, 2003, p.29). Este tem sido implementado aqui no Rio Grande do Sul, permitindo maior participação da comunidade escolar nas instituições de ensino.

2.3 O AMBIENTE DE APRENDIZADO EM CASA E A ESTRUTURA FAMILIAR

É mais importante avaliar em que aspectos a família pode contribuir com o aprendizado dos filhos do que a forma como ela está estruturada.

SOARES

Atualmente, muitas pessoas dizem que as famílias são desestruturadas, mas acredito que as famílias se formam com diversas estruturas, não significando isto que um formato de família seja melhor que outro.

Não é a constituição da família que vai auxiliar o desenvolvimento da criança, sendo esta o ser integral, mas o afeto que é disponibilizado, o tempo de "qualidade" (não a quantidade de tempo), a verificação e aquisição do material escolar, a cobrança da realização dos temas, nem sempre o acompanhamento durante, e menos ainda o fazer o tema ou pesquisa para a criança, mas a exigência, o acompanhamento do caderno, a valorização do estudo e do conhecimento adquirido.

Penso que, na maioria das vezes, as famílias têm interesse na educação das crianças, mas "não sabem de que forma agir, pois muitas vezes a própria escola atrapalha esse processo, colocando barreiras para essa aproximação [...] os pais precisam participar e se sentir acolhidos pela escola" (SCHARLAU, 2010, p.25).

Esta família "ideal" conta com um adulto com tempo livre, interesse no conhecimento e disposição, e, para que seja despertado esse desejo nas famílias, é fundamental "mostrar a comunidade escolar como o envolvimento dos pais na aprendizagem dos filhos, em casa e na escola pode melhorar o seu desempenho na escola e na vida" (CARVALHO, 2004, p.9), não considero pais, apenas o pai e a mãe, mas um dos membros da família que preferencialmente more com a criança e se mostre presente.

Sabendo-se que o contexto no qual a família está inserida tem grande influência na forma de cuidado e de tempo disponibilizado à criança. Ao que confirma a autora Claudia Fonseca quando escreve sobre as concepções de família e afirma que "a relação indivíduo-família não pode ser pensada da mesma forma em todo lugar, pois a própria noção de família varia conforme a categoria social com qual estamos lidando." (FONSECA, 2005, p. 52).

Portanto, conhecer o contexto é essencial para desenvolver atividades segundo o que seja de interesse dos alunos e da família, mas ciente de que não se pode relacionar a defasagem da aprendizagem do aluno à sua situação socioeconômica (FERNANDEZ, 1991).

No próximo capítulo foram descritos os caminhos que orientaram a pesquisa, trazendo, portanto, o tipo de pesquisa realizada e as formas de produção de dados usadas para guiar a produção deste trabalho de conclusão de curso.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este trabalho de conclusão foi realizado através de uma pesquisa qualitativa, caracterizando-se como um estudo de caso de cunho etnográfico.

3.1 DO TIPO DA PESQUISA

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, por se tratar de uma investigação sobre os sujeitos professores e suas subjetividades com relação às configurações das relações entre família e escola. Tendo em vista que a abordagem qualitativa visa a analisar "os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes." (GODOY, 1995, p.21), considerando a vida humana como interativa e interpretativa realizada pelas inter-relações entre as pessoas (OLIVEIRA, 1982).

Em uma pesquisa qualitativa "O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas" (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.12).

As análises foram realizadas considerando que "o estudo da experiência humana deve ser feito, entendendo que as pessoas interagem, interpretam e constroem sentidos" (OLIVEIRA, 1982, p.3), cujo foco esteve sobre os significados dados pelas pessoas àquilo que se refere a suas vidas, como afirmam ser importante as autoras Lüdke e André (1986). O intuito, portanto, foi o de captar as configurações da dita relevância desta integração por meio da perspectiva das pessoas nela envolvidas e o contexto em que ocorrem (GODOY, 1995).

Com o objetivo de perceber como têm ocorrido as parcerias entre os educadores (professores e famílias), foram realizadas entrevistas com professores dos anos iniciais do ensino fundamental de duas escolas estaduais situadas na zona norte do município de Porto Alegre, sendo assim percebida como um estudo de caso, pois, "o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definido no desenrolar do estudo" (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.17), tratando-se, portanto, de "um recorte espacial, temporal e historicamente situado, com sujeitos específicos" (MELO, 2013, p.15). "A preocupação desse tipo de pesquisa é retratar a complexidade de uma situação particular, focalizando o problema em seu aspecto

total" (OLIVEIRA, 1982, p.6) e, para tanto, os diversos meios de coleta de dados são utilizados, integrando as pessoas, falas e contextos.

O estudo de caso conforme o autor Gilberto Andrade Martins é uma "investigação empírica que pesquisa fenômenos dentro de seu contexto real com pouco controle do pesquisador sobre eventos e manifestações do fenômeno" (MARTINS, 2008, p.9).

Esta pesquisa foi aqui descrita como estudo de caso de cunho etnográfico por conter as três principais formas de coletas de dados da etnografia e por situar a pesquisa dentro de um contexto sociocultural que vai além dos muros da escola, promovendo-se uma relação entre a escola e a sociedade (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.14), através de um contato mais direto do pesquisador, permitindo, assim, rever os "processos e as relações que configuram a experiência escolar diária" (ANDRÉ, 2012, p.41). Portanto, procura-se, por fontes diversificadas de dados e evidências, obter e analisar perspectivas distintas sobre o caso pesquisado.

a investigação de sala de aula ocorre sempre num contexto permeado por uma multiplicidade de sentidos que, por sua vez, fazem parte de um universo cultural que deve ser estudado pelo pesquisador. Através basicamente da observação participante ele vai procurar entender esta cultura, usando para isso uma metodologia que envolve registro de campo, entrevistas, análises de documentos, fotografias, gravações. Os dados são considerados sempre inacabados. O observador não pretende comprovar teorias nem fazer "grandes" generalizações. O que busca, sim, é descrever a situação, compreendê-la, revelar os seus múltiplos significados (ANDRÉ, 2012, p.37)

3.2 DOS MODOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

A produção de dados teve como técnicas, (1) análise documental, (2) observação e (3) entrevistas.

3.2.1 DA ANÁLISE DOCUMENTAL

A análise documental visa a uma busca de base teórica sobre o referido tema, pois dialogar com demais autores é de suma importância para a elaboração de uma pesquisa científica (MARTINS, 2008). Sendo assim, os documentos consultados para construção da ancoragem teórica foram artigos de revistas que trazem a historicidade da relação entre família e escola; as políticas públicas implantadas no

intuito de reaproximação; os direitos de pais e professores com relação à educação das crianças explicitados nas leis, na Constituição Federal, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Regimento dos Círculos de Pais e Mestres (CPM's), na legislação que regulamenta o Conselho Escolar e nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP's) das escolas onde foram realizadas as entrevistas. Foram, ainda, analisados os registros de reflexão do diário de classe do estágio docente do curso de pedagogia onde o contato com os pais foi contínuo, permanente e extremamente relevante. Estes registros foram feitos semanalmente após a análise e compreensão de alguns fatos ocorridos com o intuito de aperfeiçoar os planejamentos posteriores.

As autoras Menga Lüdke e Marli André endossam a importância dos documentos ao defender que eles:

[...] constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser tiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte "natural" de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 39)

3.2.2 DAS OBSERVAÇÕES

Outro meio de coleta de dados relevante usado nesta pesquisa foi a observação, através da qual se obtiveram determinados aspectos da realidade, importantes para compreensão do verdadeiro significado atribuído ao que se está falando, portanto, foram observadas as ações e posturas adotadas pelos professores ao serem entrevistados.

A observação permite que o observador perceba o significado que os sujeitos atribuem à realidade que os rodeia e às suas próprias ações. "A metodologia de observação participante visa descrever os sistemas de significados culturais dos sujeitos estudados com base em sua ótica e seu universo referencial" (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.26). Portanto, ao entrevistar os professores, coletei dados observáveis como gestos, olhares e movimentos que foram analisados e relacionados com os teóricos escolhidos para contextualização.

Nesse sentido, a pesquisa etnográfica não pode se limitar a descrição de situações, ambientes, pessoas, ou à reprodução de suas falas e de seus depoimentos. Deve ir muito além e tentar reconstruir as ações e interações dos atores sociais segundo seus pontos de visita, suas categorias de

pensamento, sua lógica. Na busca das significações do outro, o investigador deve, pois, ultrapassar seus métodos e valores, admitindo outras lógicas de entender, conceber e recriar o mundo. (ANDRÉ, 2012, p.45)

3.2.3 DAS ENTREVISTAS

Foram também realizadas entrevistas semi-estruturadas quando feitas quatro perguntas pré-estabelecidas e outros questionamentos breves com intuito de compreender melhor as respostas dadas pelos professores. Foram entrevistados dez professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de duas escolas estaduais situadas na zona norte de Porto Alegre, e, para tanto foi elaborado um questionário prévio (Apêndice 1) como roteiro de pesquisa para não haver muitos desvios do foco *relação entre pais e professores*, pois, "As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados." (ANDRÉ, 2012, p.28).

A entrevista semi-estruturada, "se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações" (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.34), sendo assim, um instrumento flexível que permite uma interação com respeito, mas também com aceitação mútua, para que as informações possam fluir o mais naturalmente possível, permitindo correções e esclarecimentos.

A busca constante foi de um clima de confiança, deixando os entrevistados à vontade para se expressar livremente, sendo estimulado o fluxo de informações e observando a todo momento os gestos, as expressões, entonações, enfim, os sinais não verbais que auxiliam na análise e compreensão daquilo que foi realmente dito, pois segundo Lüdke e André (1986), toda a captação desta comunicação não verbal é de grande importância para validar o que foi efetivamente dito.

As escolas optaram voluntariamente por participar da pesquisa. Foram deixados, nas duas instituições, termos de apresentação (Anexo 1), solicitando permissão para que os professores pudessem participar. Os professores foram informados, por meio do termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 2), que as entrevistas seriam gravadas, que suas participações seriam voluntárias e que o sigilo ético, a privacidade e a confidencialidade das informações estariam garantidos. Para tanto, cada entrevistado escolheu um codinome pelo qual seria chamado ou citado durante o trabalho. Também foram informados sobre o objetivo

da pesquisa, por meio do mesmo documento, que foi devidamente assinado pelos entrevistados. Pois de acordo com as autoras Menga Lüdke e Marli André:

É muito importante que o entrevistado esteja bem informado sobre os objetivos da entrevista e de que as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa respeitando-se sempre o sigilo em relação aos informantes. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.37)

No capítulo seguinte são apresentadas as análises sobre as observações e entrevistas realizadas com os dez professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental onde se confirmou a relevância da parceria entre família e escola e se verificou que pode ser suscitada de maneiras diferentes.

4. SOBRE O QUE AS ENTREVISTAS REVELARAM

Iniciei esta pesquisa considerando que a grande maioria dos professores e profissionais da educação acredita na importância de uma relação estreita entre educadores - pais e professores - para que o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo do aluno seja pleno, pensando que este é o interesse de todas as partes envolvidas. Essa hipótese veio a se confirmar durante as entrevistas, na resposta dada à primeira parte da segunda questão "Consideras relevante a relação entre família e escola?". Todos os professores afirmaram ser de fundamental importância uma parceria entre família e escola com o objetivo de promover aprendizagens significativas para os alunos.

As opiniões de como esta relação de confiança pode ser promovida e o que se tem realizado neste sentido são os aspectos que, durante as entrevistas, foram os mais diferentes.

4.1 COMO A PARCERIA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA PODE SER PROMOVIDA

A forma de promover a parceria entre família e escola mais citada pelos professores entrevistados foram as reuniões, estas realizadas com intuito de mostrar para os pais a metodologia e didática da escola, e com objetivo de desenvolver nos pais o interesse pelas aprendizagens das crianças.

As apresentações das crianças em datas comemorativas constituem-se outra forma de chamar a família para dentro da escola, pois, segundo alguns dos entrevistados, quando as crianças se preparam para realizar algo para a família, o interesse dos pais aumenta.

Uma das sugestões propostas foi a de chamar os pais para assistir as crianças em apresentações e, assim, buscar a presença dos pais para desenvolver também palestras de cunho pedagógico. Caroline² sugere: **primeiro uma coisa para conquistá-los, aí, depois, vai inculcando, de repente, a parte pedagógica**³. O

² Quando realizada a entrevista foi solicitado que os entrevistados escolhessem codinomes que pudessem ser citados, mantendo assim o sigilo ético da pesquisa. Portanto, os nomes aqui mencionados são autorizados pelos entrevistados.

³ Toda vez que for transcrita no texto uma fala literal de um dos entrevistados a mesma será grifada em negrito.

autor Juan Delval também propõe que sejam realizadas "sessões de formação e informação para os pais, sobretudo relativos ao caráter e as necessidades de seus filhos" (DELVAL, 2006, p. 136).

Uma das professoras diz que o único fator que desperta interesse é o ganho, sendo este de produtos rifados ou de viagens, diz que o **chamamento do brinde, do brinquedo, chamou mais pessoas pra escola do que a entrega de avaliações (MC)**. Complementa dizendo que a família só vem quando terão algum ganho e que a aprendizagem parece ter pouco valor para os familiares.

O Círculo de Pais e Mestres e o Conselho Escolar foram citados como obrigação para certos pais, uma responsabilidade que, na maioria das vezes, é difícil encontrar alguém que tenha vontade de assumir, mas, mesmo assim, é colocado como uma forma relevante de promover a parceria e de conhecer as famílias e a comunidade que a escola atende.

O acesso à porta da sala foi colocado como aspecto positivo da interação, permitindo que os pais se aproximem e promovam conversas que auxiliam no planejamento dos professores e nas intervenções propostas em casa pelas famílias, desde que não atrapalhe o andamento da aula e mantenha a integridade do aluno.

A conversa, seja na porta da sala, por bilhete ou no Serviço de Orientação Educacional (SOE), foi apontada como o melhor meio de desenvolver a parceria entre família e escola. Um dos fatores mais importantes nesses diálogos é não apenas falar, mas ouvir: as sugestões; os questionamentos; as opiniões das famílias, procurando saber dos pais como estão percebendo o desenvolvimento das crianças. A professora Geni sugere que sejam feitas as seguintes perguntas: **o quê tu tá achando do teu filho? Tu acha que ele melhorou?**

A professora Simone afirmou que um fator que dificulta a relação de cumplicidade entre pais e professores é o fato de o **ano letivo iniciar iniciando**. Com isso, quis dizer que não há uma preparação prévia no sentido de recepcionar as famílias e as crianças no intuito de conhecer as famílias e de se apresentar a professora para elas. Esta professora, portanto, sugere **uma abertura de ano letivo adequada, no sentido de receber os meus alunos, de receber os pais dos meus alunos, conseguir apresentar os professores que tem na escola,**

quem vai ser o responsável por cada turma. Atualmente, nessas escolas, os pais já deixam os alunos no primeiro dia para a aula.

Sendo assim, há uma necessidade de se apresentar o aluno ao cotidiano escolar e a escola às famílias. Essa conversa inicial é essencial, mesmo que o aluno permaneça na mesma escola, pois os colegas e os professores mudam e cada educador opta por um sistema de avaliação, uma metodologia, e cada um tem suas concepções de aprendizagem e de alfabetização. Cada família e aluno são singulares, portanto entrevistas e conversas são sempre primordiais.

O uso da internet não foi muito mencionado e quando questionado se auxiliava de alguma forma, os professores disseram que ajuda, principalmente na divulgação de eventos e dos trabalhos realizados, mas não substitui a comunicação via bilhete no caderno e a necessária presença dos pais nas reuniões.

Sendo assim, penso que as diversas maneiras de contato com os pais devem ser promovidas e sempre que possível deixar claro que o ganho maior dessa relação é o desenvolvimento integral dos alunos.

4.2 QUAIS AÇÕES TÊM SIDO REALIZADAS NO INTUITO DE PROMOVER UMA RELAÇÃO DE CONFIANÇA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

Entre gerações, as práticas de educação de crianças e as relações familiares costumam refletir os padrões e as estratégias de gerações anteriores, para as quais as circunstâncias podem ter sido diferentes - desafiando cada geração a elaborar a partir das perspectivas culturais que herda, para enfrentar as necessidades de seu tempo.

ROGOFF

Nesta sessão mostro o quê professores entrevistados relataram que tem ocorrido na relação entre a família e a escola e como ela tem auxiliado no desenvolvimento integral dos alunos quando proposta de maneira coerente.

Quando os professores falam das famílias presentes dizem que estas são muito interessadas, o que auxilia de tal forma que os alunos, membros destas, têm melhor rendimento escolar. Os demais familiares são em maior número e aparecem mais para o final do ano, quando têm interesse em saber quais as possibilidades de reprovação ou para buscar as avaliações finais. Segundo Juan Delval (2006, p. 32),

“é muito frequente que os pais não sejam capazes de acompanhar o processo de aprendizado de seus filhos e se preocupem principalmente com os resultados.”

As entregas de avaliações trimestrais têm permitido um contato mais pessoal com os pais, pois, muitas vezes, é proporcionado um momento de conversa onde o atendimento é individualizado. Têm sido promovidas em horários em que mais familiares podem comparecer. Os entrevistados relataram o cuidado do agendamento em sábados pela manhã para poder atender o maior número de pais (trabalhadores) possível. Ainda assim, todos os professores se queixaram do não comparecimento dos pais. Uma delas afirma: **na melhor das hipóteses, é quando se pensa na metade da turma, é quando vem muito, aí tu te sente feliz que veio a metade (Caroline)**. Ressalto aqui que todos os professores disseram que menos da metade das famílias demonstram interesse através da frequência nas entregas de avaliações.

Três dos dez professores entrevistados ainda relataram que existem pais que ainda não conhecem, fato importante é que as entrevistas foram realizadas no início do mês de outubro, quando duas entregas de avaliações já haviam sido concretizadas e a, apenas, dois meses do final do ano letivo.

Alguns pais deixam para retirar os boletins nos dias de semana, faltando ao trabalho e pegando um atestado de comparecimento na escola, isso quando não autorizam o próprio aluno a retirar o boletim. Segundo Aline, uma das professoras entrevistadas, a frequência dos pais, nesses momentos de entrega de avaliação, diminui de acordo com a idade e nível de escolarização em que o aluno se encontra. Quanto menor o aluno, maior o número de pais interessados. A partir do quinto ano, segundo uma das professoras, o número de pais que busca o boletim reduz drasticamente, e a preferência é dada para que o próprio aluno retire por meio de autorização via caderno. Segundo Scharlau:

Seria demagogia acreditar que teríamos cem por cento de participação, mas da forma em que está não pode continuar, não podemos fechar os olhos para uma problemática dessa dimensão, onde no primeiro ano, temos metade dos pais presentes em uma reunião, como será quando estiverem no final do Ensino Fundamental (SCHARLAU, 2010, p. 26)

A consequência disto pode vir a ser a desmotivação total do aluno com relação às aprendizagens escolares.

Outro fato que se percebe é que os bilhetes são enviados e comparecimento solicitado para conversa, na maioria das vezes, quando a criança tem problemas de aprendizagem ou comportamento, gerando desconforto nas famílias "os professores se queixam aos pais pela falta de disciplina dos filhos, dizendo-lhes, implícita ou explicitamente, que não os estão educando adequadamente, e a escola não pode suprir o que não se faz em casa" (DELVAL, 2006, p.35).

Porém, uma das grandes preocupações dos professores é a falta da disponibilização de tempo dos pais, que se percebe quando os alunos chegam em aula com deveres, ou temas incompletos, ou com os cadernos sem vistos ou respostas nos bilhetes, ou ainda sem o material básico na mochila. A professora Miriam começa este assunto dizendo **tem gente que não olha o caderno**, e, depois conclui, **saem com a mochila, não têm nada dentro, não têm caderno, cansam de vir aqui na coordenação pedir um lápis, pedir um caderno, pedir uma coisa, pedir outra, não trazem material.**

O professor Luís relatou que teve grandes problemas ao propor um tema de três páginas para crianças de segundo ano, sendo que duas páginas eram figuras e apenas uma para escrita referente às figuras. Segundo Carvalho, as "tarefas de casa deverão revisitar, reforçar ou estender as aprendizagens de sala de aula proporcionando prática e aplicação do conhecimento obtido" (CARVALHO, 2004, p.6). Se os alunos de segundo ano estão trabalhando alfabetização, nada mais coerente do que propor escrita de tema, sendo assim a seria interessante se a família auxiliasse o aluno no tema ordenado, contribuindo, assim, no aperfeiçoamento das aprendizagens.

Não é só a falta de material que preocupa a professora MC, que diz que algumas vezes não veem bilhetes que são encaminhados com comunicados importantes, como a saída em um horário mais cedo do que o cotidiano. Ela lamenta, perguntando: **como é que ela vai ter interesse?** (se referindo à aluna) **se ela vê que a família não tá nem aí?** Diz, ainda: **Isso me angustia, me angustia muito. Porque parece que eu estou sozinha.**

Para finalizar, no próximo capítulo exponho a minha visão sobre como estas parcerias podem ser promovidas de maneira que a cooperação entre família e escola possa suscitar aprendizagens significativas e desenvolvimento pleno para o aluno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira coisa em que convém insistir é que os pais dos alunos têm de ser aliados no processo educativo, e não apenas expectadores externos.

DELVAL

Segundo Perrenoud (2005), a educação para a cidadania não pode ser pensada como uma disciplina, a família e a escola têm se dado conta de que esta é uma tarefa de todas as partes envolvidas.

Para que essa forma de educação se torne realidade, um desafio que surge é o de "modificar a relação família e escola no sentido de que ela possa ser associada a eventos positivos e agradáveis e que, efetivamente, contribua com os processos de socialização, aprendizagem e desenvolvimento." (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010, p.11). Dessa forma, a família deve estar ciente dos avanços dos alunos e não ser convocada apenas quando há estagnações e retrocessos, mas o contato via caderno deve ser realizado para referir o desenvolvimento da criança também, para que essa relação se fortaleça.

A relação entre família e escola se estabeleceu, e ainda se mantém, a partir de situações vinculadas a algum tipo de problema, e, desta forma, pouco contribui para que as duas instituições possam construir uma parceria baseada em fatores positivos e gratificantes relacionados ao aprendizado, desenvolvimento e sucesso dos alunos. (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010, p.11)

Essa educação a que me refiro é a que visa a formar cidadãos responsáveis cívica e moralmente, educando para a convivência em sociedade e cidadania. Juan Delval afirma que, para que esses objetivos possam se concretizar, deveria haver:

[...] a realização de profundas mudanças no funcionamento cotidiano das escolas, mudanças que são difíceis de realizar com meros retoques na legislação. Pelo contrário, essas mudanças deveriam envolver todos aqueles que se preocupam com a educação, não apenas os professores, os pais ou os administradores, mas também toda a população, por que a educação é tarefa que, bem ou mal, compete a toda a sociedade (DELVAL, 2006, p. 8)

A parceria acontece em uma relação de confiança e colaboração nos pequenos gestos do cotidiano: reuniões, projetos e atividades integradoras. Para tanto, cada um na sua função precisa contribuir de maneira eficaz. Logo, pais precisam conhecer a metodologia e conteúdos trabalhados em aula e os professores, na medida do possível, compreender e respeitar o contexto social no qual o aluno está inserido,

tornando-se, dessa forma, mais confiantes no seu fazer pedagógico. Afinal "as relações ente escola e sociedade têm que ser estreitíssimas e a escola não pode permanecer alheia a nenhum dos problemas que ocorrem na sociedade" (DELVAL, 2006, p. 130)

É possível que as famílias pensem que sua participação não tem relevância, portanto "é necessário envolvê-los no processo, tornando-os partícipes" (DELVAL, 2006, p.137). Iniciativas como essas farão com que os pais se sintam mais próximos da atividade escolar, tornando-os aliados no processo.

Esta "relação entre pares deve ser, de preferência, sem medo e ansiedade" (ALTHUON; ESSLE; STOEBER, 1996, p.47), portanto, acredito que não há necessidade de professores cobrarem as famílias ou o contrário, pois o interesse não deve ser voltado a ensinar os pais a serem pais, mas os professores fazendo a sua parte, o seu papel e tornar visível à família o que está sendo efetivado e como o aluno está se desenvolvendo.

Acreditando, juntamente com a autora Elisângela Rodrigues Garcia, que é dever da escola promover de diversas maneiras a participação dos pais, "envolvendo-os nas atividades das crianças construindo uma relação sólida" (GARCIA, 2010, p.19), sendo alguns meios possíveis: as entrevistas antes do início do ano letivo, reuniões, projetos, conversas, temas e outras atividades integradoras que possibilitem o diálogo.

Por fim, este trabalho suscitou em mim a vontade de saber questionar aos pais e familiares como vêem a parceria entre eles, se consideram relevante e como percebem que ela tem ocorrido.

REFERÊNCIAS

- ALTHUON, Beate; ESSLE, Corinna; STOEBER, Isa S. **Reunião de Pais: Sofrimento ou prazer?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papirus, 2012.
- BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf> Acesso em: 20 de novembro de 2014
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Modos de Educação, gênero e relações escola-família. IN: **Tema em Destaque Educação e Gênero**. Cad. Pesqui. vol.34 no121 São Paulo Jan/Abr 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742004000100003>>. Acesso em: 20 de agosto de 2014.
- DELVAL, Juan. **Manifesto por uma escola cidadã**. Campinas: Papirus, 2006.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Para entender a relação escola-família. IN: **São Paulo em perspectiva**. São Paulo: vol.14 n 2 apr/jun 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s102-8892000000200007>>. Acesso em: 20 de agosto de 2014.
- FERNÁNDEZ. Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991
- FONSECA, Claudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. IN: **Saúde e Sociedade** v. 14, n. 2, p. 50-59, Mai/Ago 2005.
- GARCIA, Elisângela Rodrigues. **A relação de parceria entre professor e família, como um fator importante no desenvolvimento de projetos de ensino e aprendizagem**. 2010. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia -ead, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais**. IN: Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v.35, n.2, p. 57-63, Mai/Jun 1995.
- KURYLENKO, Sônia; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Os círculos de pais e mestres, como estão?** Ideologia e luta. Porto Alegre: SAGRA, 1988.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCHESI, Álvaro. **O que será de nós maus alunos?** Porto Alegre: Artmed, 2006.

MARINA BAIRD FERREIRA . **Mini Aurélio**: O mini dicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000. 790 p.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2008.

MELO, Camila Alves de. **Ensinando a ser aluno, aprendendo a ser professora**: reflexões analíticas traçadas a partir da prática de estágio docente. 2013. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: Tipos, técnicas e características. IN: **Travessias**. Ed. 4 ISSN, 1982-5935 Educação, cultura, linguagem e arte. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/um_apanhado_teorico_conceitual_sobre_a_pesquisa_qualitativa_tipos_tecnicas_e_caracteristicas.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2014.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO. A relação família-escola: intersecções e desafios. IN: **Estudos de Psicologia**. Campinas vol.27 no. 1 Jan/Mar, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-166x2010000100012>>. Acesso em: 20 de agosto de 2014.

PERRENOUD, Philippe. **Escola e cidadania**: o papel da escola na formação para a cidadania. Porto Alegre: Artmed, 2005.

POLATO, Amanda. Sem culpar o outro. IN: **Nova Escola** Ano XXIV, nº 225, p. 102-106, set 2009.

RODRIGUES, Maria Bernadette Castro. Planejamento: em busca de caminhos. IN: XAVIER, Maria Luisa M.; DALLA ZEN, Maria Isabelk H. (orgs.) **Planejamento em destaque**: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000. p.59-73 (Cadernos Educação Básica, 5)

_____. Inclusão, humana docência e alegria cultural como finalidades da prática pedagógica. IN: ÁVILA, Ivany Souza. (org.) **Escola e sala de aula, mitos e ritos**: um olhar pelo avesso do avesso. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2004.

RODULFO, Ricardo. **O brincar e o Significante** – um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce. Artes Médicas, 1990.

SCHARLAU, Simone Laranjeira. **Como as vivências significativas e a participação da família poderão influenciar no desenvolvimento integral do aluno**. 2010. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

VIANNA, Agatha Rabelini da Silva. **Diário de Campo reflexivo**. Porto Alegre, 2014.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **Conselhos Escolares:** Implicações na gestão da Escola Básica. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

APÊNDICE 1

- 1. O quê você compreende por relação família/escola?**
- 2. Consideras relevante a relação entre família e escola? Tens alguma experiência para me narrar que exemplifique?**
- 3. Que ações você considera relevante para que ocorra esta relação?**
- 4. O que tu tens a me dizer sobre como isto tem ocorrido, se tem ocorrid:**

APÊNDICE 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso:

PARCERIA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA: CONFIGURAÇÕES NA PRÁTICA DOCENTE

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo produzida para fins de coleta de dados para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. Trata sobre a relação família e escola e tem como objetivo analisar como tem ocorrido a aproximação entre estas.

Para este fim, serão realizadas entrevistas com gravação de voz. Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária. Os dados e resultados desta pesquisa serão mantidos sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome do(a) participante, garantindo, assim, a privacidade e a confidencialidade das informações. Todo o desenvolvimento do trabalho será orientado pela profa. dra. Darli Collares e seu destino final será uma Monografia de Conclusão de Curso, que ficará a disposição para a consulta pública na biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este termo no local indicado abaixo.

Eu _____, fui informado sobre os objetivos da pesquisa acima descrita e concordo em participar da mesma.

Assinatura

Assinatura da pesquisadora - Agatha Rabelini da Silva Vianna

Porto Alegre, ___/___/_____.

ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

SENHOR/A DIRETOR/A:

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a V.Sa. a/o universitária/o
_____, regularmente
matriculada/o no Curso de Pedagogia.

Solicitamos permissão para que a/o aluna/o possa realizar trabalho prático de pesquisa educacional para fins do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Vale mencionar que o comprometimento tanto da instituição como da/o aluna/o que ora se apresenta é de respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que quaisquer dados obtidos junto a esta instituição estarão sob sigilo ético.

Desde já agradecemos sua atenção e cooperação.

Professor/a Orientador/a do TCC